



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

REVISTA DO CONSERVATÓRIO REAL DE LISBOA: publicação mensal Ilustrada (Lisboa, 1902) – Dirigida por **Eduardo Schwalbach Lucci** e editada pelo Conservatório, era impressa na tipografia oficial, a *Imprensa Nacional*. A coleção completa da revista é constituída por seis números mensais, numerados e datados de maio a outubro de 1902.

“A Direcção”, no *editorial* da revista, informa ser esta “o **prosseguimento d’aquella cujo primeiro numero se publicou em 1842**” e, conforme o relatório de 24 de outubro de 1901, continua “**a par e passo, a obra do immortal Garrett**”, **repetindo o programa**: “coordenar e archivar os trabalhos deste instituto, historiar a marcha do nosso teatro e do teatro estrangeiro, e tratar de todos os assumptos artísticos, literários e scientificos, que tenham relação com a arte musical e com a arte dramática”. O *editorial* termina, dizendo “**nada acrescentaremos**” (n.º 1, p. 2).

A revista, impressa sob protecção régia, e provavelmente para se precaver judicialmente, publica “**A direcção dos trabalhos do Conservatório Real de Lisboa**”, onde clarifica que “o Conservatório está, hoje, **sob a gerência artística e administrativa de um inspector – Eduardo Frederico Schwalbach Lucci**¹, e divide-se em **duas secções**: musical e dramática, cada uma com o seu director”. Informa-se ainda, que os **Conselhos de Arte Dramática e de Arte Musical “funcionam sob a presidência do Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Reino**” (n.º 1, pp. 12-15).

No cabeçalho da revista, apresentando-se, separados por vinhetas: o título, o diretor, a numeração, a data, e a palavra “**Redactores**” encimando os nomes de “**Os Vogais do Conselho de Arte Dramática**” e de “**Os Vogais do Conselho de Arte Musical**”. Inclui-se também a frase “**E Outros Illustres Escriptores**”, que julgamos serem então, os colaboradores mais conhecidos: **Teófilo Braga** (n.º 2), **J. Batalha Reis** (n.º 3) e **Bulhão Pato** (n.º 4).

¹ SCHALBACH LUCCI, Eduardo (1860-1946). Jornalista e dramaturgo. João Franco nomeia-o, em 1893, **Diretor do Conservatório** (por morte de Luís Augusto Palmeirim) com o “**ordenado de 12 mil réis mensais**”. **Depois é inspetor do Conservatório Real de Lisboa**. Nomeado “Conservador da Biblioteca Nacional por José Luciano de Castro [...] e redactor da câmara dos Pares por Hintze Ribeiro”. Apesar de colaborador em vários jornais, a sua paixão tornou-se o teatro. A sua primeira peça subiu ao palco do teatro D. Maria II, com a peça cómica *As Surpresas* (?). Segue-se *O Íntimo* (13 novembro de 1891), um êxito “colossal” que até “El-Rei D. Carlos, que fôra assistir à segunda representação” felicitou-o vivamente. **Rafael Bordalo Pinheiro caricatura-o como: “Bébé Grande / Alegre Creança”, a brincar com a “Sociedade portuguesa**”. V. Schalbach, Eduardo - In *À Lareira do Passado: Memórias*. Lisboa: Edição do Autor, 1944, pp. 167, 201, 147, 71 (ordenação referencial).

CORPO REDATORIAL

O cabeçalho apresenta o corpo redatorial da revista, **constituído por todos os vogais de Arte Dramática e de Arte Musical**. Encontram-se denominados no cabeçalho da revista, os **vogais do Conselho de Arte Dramática: D. João da Camara** [Diretor de Secção], **Alberto Pimentel**, **Augusto Xavier de Mello**, **Carlos Malheiro Dias**, **Conde de Mesquita** (Augusto C. Ferreira de Mesquita), **Francisco Rangel de Lima**, **Henrique Lopes de Mendonça**, **José António Moniz**, **Júlio Dantas**, **Marcelino Mesquita** e **Urbano de Castro**.

Ao lado, apenas separados por uma vinheta vertical, apresentam-se os **vogais do Conselho de Arte Musical: Augusto Machado** [Diretor de Secção], **Alexandre Rey Collaço** [professor de piano, e Classe de Quarteto de corda e musica de camara], **António Arroyo**, **Ernesto Vieira**, **Fernando de Sousa Coutinho**, **Filippe Duarte**, **Francisco de Freitas Gazul** [professor de rudimentos e Classe de musica de orquestra], **José da Costa Carneiro**, e **Júlio Neuparth**².

AS GRAVURAS DAS FOLHAS DE ROSTO

A revista apresenta ainda, nas suas **folhas de rosto**, cinco **retratos póstumos** identificados, de insignes escritores e músicos do Conservatório: **J. B. de Almeida Garrett** (1799-1854), (n.º 1); **J. D. Bomtempo** (1775-1842), (n.º 3); **Visconde de Castilho: António Feliciano de Castilho** (1800-1875), (n.º 4); **Francisco Xavier Migoni** (1811-1861): Autor musical (n.º 5), e **Augusto Neuparth** (1830-1887), (n.º 6). Exceção para o seu segundo número, que não apresenta gravura na sua primeira página.

As personalidades retratadas também são homenageadas, na revista, com um texto. O primeiro versa o “**Visconde de Almeida Garrett**” pelo escritor Alberto Pimentel (1849-1925). Redator e vogal do *Conselho de Arte Dramática*, Alberto Pimentel defende que “quando se diz, e com toda a razão, que o Visconde de Almeida Garrett foi **o restaurador do teatro português, esta expressão deve entender-se mais num sentido artístico do que chronologico**”. Esta tese apoia-se na “nossa história literária”, segundo o autor, terminando a elogiar *Frei Luiz de Sousa* (1844) como uma obra nacional e restauradora, o “verdadeiro typo de tragedia moderna e humana implantada sobre a história de Portugal” (n.º 1, pp. 2-5).

O **terceiro número** abre com o texto “**Bomtempo**” de **Ernesto Vieira** (1848-1915). Este escritor especializado em Música, redator e vogal do *Conselho de Arte Musical*, inclui uma **biografia** e uma lista de títulos de **composições inéditas**. **J. D. Bomtempo** (1775-1842) é referido como “**collaborador de**

²NEUPARTH, Júlio (1863-1919). Maestro, violinista, escritor especializado em Música, professor [e ex-aluno] de harmonia do Conservatório. “Sucedeu a seu pai [Augusto N.] na direcção da casa Neuparth, ligando-se com Ricardo Felgueiras, empregado da casa. Nasceu assim a firma Neuparth & C.^a, à qual succedeu Neuparth & Carneiro” [1914], e “**Valentim de Carvalho [1920]**”. V. “NEUPARTH (Júlio Cândido)” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 18, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 644.

Garrett na grande obra de fundação do Conservatório”, e também como diretor da antiga *Escola de Música*; exercia os cargos de vogal do *Conselho Geral* e diretor da “Secção de Musica e Artes” do Conservatório em 1842, ano em que faleceu (n.º 3, pp. 2-7).

Uma crónica sobre “**Castilho**” por **Bulhão Pato** (1829-1924) inicia o **quarto número** da revista. Um escritor a escrever sobre outro escritor, seu contemporâneo no período do *Romantismo*, António Feliciano de Castilho (1800-1875). Bulhão Pato elogia-o como um “**grande poeta, primeiro mestre da língua portuguesa neste século**” (nº 4, pp. 2-3).

A abrir o **quinto número** da revista, **E. (Ernesto) Vieira** escreve uma **biografia** de “**Migoni**”³. Referente a Francisco Xavier Migoni (1811-1861), destacamos o início da sua carreira promissora como “**Autor musical**”, mencionando o autor que, “**a 20 de janeiro de 1831, se executou a primeira partitura importante de Migoni**”, na capella do seu *mecenas*, o Marquês de Borba (nº 5, pp. 2-3).

Por fim, no **sexto número**, de outubro de 1902, a revista publica outro texto de **E. V. (Ernesto Vieira)**, em homenagem a “**Augusto Neuparth**” (1830-1887), professor de instrumentos de palheta no Conservatório. O autor refere que Augusto Neuparth, pela sua excelência como executante, também **fez parte da Orquestra de S. Carlos** de 1848 a 1887, ano em que faleceu (n.º 6, pp. 2-3).

O NÚMERO “CONSAGRADO” A GIL VICENTE

“**O Segundo Numero da Revista**” é o título da nota editorial assinada por **Eduardo Schwalbach Lucci**, também professor de arte dramática no Conservatório. A nota editorial informa que o *Conselho de Arte Dramática* decidiu celebrar o **Quarto Centenário do Teatro Português a 8 de junho de 1502**. A razão invocada prende-se com a data em que o **fundador da dramaturgia portuguesa, Gil Vicente**, “recitou na camara da Rainha D. Maria, mulher de El-Rei D. Manoel, o *Monólogo do Vaqueiro*”. Refere-se ainda a outra decisão, a de que **a Gil Vicente (1465-1536?) “este número lhe fosse todo consagrado**, determinação que me coube executar como director da Revista” (n.º 2, p. [1]).

A data de 8 de junho para a “celebração do 4.º centenário da fundação do Theatro Português” foi agendada quatro meses antes, segundo o “**Discurso do Sr. Carlos Malheiro Dias**”⁴ a **18 de fevereiro** na Camara dos Senhores Deputados ao apresentar um projeto de lei, “estabelecendo o subsídio de 1:000\$000 réis” para a respetiva comemoração (n.º 2, pp. 26-29).

³**MIGONI, Francisco Xavier** (1811-1861). Maestro, escritor de especialidade Música, professor de Piano no Conservatório desde 1835. Migoni ou Migone, nome aportuguesado, sucedeu, por morte de J. D. Bomtempo, na **direção do antigo Conservatório** (Secção de Música e Artes), “**sendo nomeado por dec. de 23-IX-1842**”. V. “MIGONE (Francisco Xavier)” – Op. Cit. Vol. 17, p. 197.

⁴**Carlos Malheiro Dias** (1875-1941). Escritor, jornalista, redator, **deputado regenerador** (1897, 1902-05, etc.). “Também foi, então, vogal do Conselho de Arte Dramática”. V. “MALHEIRO DIAS (Carlos)” – Op. Cit. Vol. 16, p. 23.

Entretanto, sem consenso, a data da comemoração provoca uma **polémica com a Academia Real das Sciencias** que foi convidada “para se fazer representar e tomar de alguma forma parte da sessão solenne do Real Conservatório”, como consta no “**Quarto Centenário do Theatro Português: fixação da época em que deve realizar-se**”; segue-se “**Memoria**”, texto “consagrado a Gil Vicente” pelo escritor Urbano de Castro (1850-1902), também redator e vogal do *Conselho de Arte Dramática* (n.º2, pp. 38-42). A polémica continua no número seguinte da revista, com a publicação do “**Officio dirigido pela Academia Real das Sciencias ao Conselho de Arte Dramática**, em 7 de Junho de 1902” (n.º 3, pp. 9-12).

No dia **8 de junho de 1902**, realizou-se a **sessão solene no Salão do Conservatório**, e publica-se a conferência “**Gil Vicente e o drama moderno**” proferida, então, pelo escritor **Henrique Lopes de Mendonça** (1856-1931), igualmente redator e vogal do Conselho de Arte Dramática (n.º 2, pp. 29-38).

A sessão solene continuou no *Teatro D. Amélia*⁵ à qual “**assistiram Suas Majestades a Rainha Senhora Dona Amélia e a Rainha Senhora Dona Maria Pia, e o Sr. Presidente do Conselho de Ministros** (Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro)”, noticia-se num pequeno espaço junto do “Programma”. No total são publicados **três programas, de 7, 8 e 9 de junho de 1902**, o primeiro dos quais no *Theatro de D. Maria II*. Mais, nos três dias da *Comemoração do quarto centenário do Teatro Português*, a Rainha D. Amélia esteve sempre presente. Junta-se ainda o Programa do Rio de Janeiro a 8 de junho de 1902, realizado no “Theatro Recreio Académico” (n.º 4, pp. 7-11).

Noticia-se ainda a **decoreção do Salão do Conservatório** que mostrava “no palco, o busto de Gil Vicente”, sendo todos os **trabalhos ornamentais** “obsequiosamente dirigidos pelo **Sr. Rafael Bordallo Pinheiro**”⁶ (n.º 4, p. 9).

De referir, os investigadores e os seus trabalhos sobre o dramaturgo Gil Vicente: *Theóphilo Braga* (1843-1924) escreve “**Gil Vicente e Garrett**” (n.º 2, pp. 1-2); *A. R. Gonçalves Viana* (1840-1914) publica “**Lusismos no castelhano de Gil Vicente**” (n.º 2, pp. 2-11), e *G. de Vasconcelos-Abreu* (1842-1907) com “**Os contos, apólogos e fábulas da Índia: influência indirecta no auto da Mofina Méndez, de Gil Vicente**”, mais o “Esquema Sinóptico da Difusão da Novelística Búdica pelo Mundo: Játacas Búdicos”, e “As nossas gravuras”, página com **gravuras “reproduzidas da 2ª edição das obras de Gil Vicente, 1586 – Lisboa”** (n.º 2, pp. 11-25).

⁵O Teatro “D. Amélia [1894], mais tarde nomeado República [1910] e, numa derradeira alteração S. Luiz [Cine em 1928 e **Teatro Municipal São Luiz desde 1971**”]. Ver: M.A.T.G.C. – “Teatros” – In SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (Dir.). *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 897.

⁶Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), artista e caricaturista da sua sociedade contemporânea. Também foi publicista, ceramista e **decorador**. Criador de anúncios e decorações a pedido, na sua “**Empresa Bordallo Pinheiro**, 90, Rua Nova do Carmo, 1º, Lisboa”, anunciada no cabeçalho da revista *O António Maria* (1846-1905). Anno VII, n.º 1 (3-I-1885). Destaque nosso. Ver: http://hemerotecadigital.cm-isboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1885/1885_item1/index.html

ESTRUTURA GRÁFICA

No título da revista foram realçadas as palavras da entidade responsável: **Conservatório Real de Lisboa**, em cor preta e a *bold*. As outras palavras, em maiúsculas, encontram-se em dimensões variadas e dispostas em redondo, procurando criar um cabeçalho criativo. Estruturalmente invariável, o corpo da revista apresenta-se em duas colunas, com textos seguidos e separados por pequenas vinhetas, tornando a sua leitura morosa e difícil. Talvez por isso, a partir do terceiro número, a revista abra com o **“Summário”** em texto corrido, composto com os títulos dos textos e os seus autores, mas sem mencionar as respetivas páginas.

A revista, em cor sépia, mede 27 cm de altura, e cada número é composto por 16 páginas, começando a numeração, no número seguinte. A exceção vai para o seu segundo número “especial”, que contabiliza 42 páginas. Acrescentamos que o sexto número da revista não era suposto ser o último, pois termina abruptamente, com um texto incompleto. Mais, uma notícia final anuncia novos conteúdos para o número seguinte (n.º 6, p. 16).

CONTRIBUTOS ACADÉMICOS

“A canção popular e a nacionalidade musical” de **A. Merêa (?)**, uma crítica em forma de crónica, na qual considera que **“entre as colleções publicadas, aliás representativas de louvavel trabalho de investigação**, não me parece que exista ainda nenhuma digna de se considerar uma como que anthologia da nossa canção popular” (n.º 6, pp. 6-8). O autor refere-se aos trabalhos realizados em sequência de uma **circular do Conselho Musical, assinada por “O inspector Eduardo Schwalbach Lucci”**, referindo a intenção do Conservatório formar um **“Cancioneiro popular português”** (n.º 1, pp. 15-16).

O escritor **José A. Moniz** (1849-1917), também ator, professor (e ex-aluno) de dicção no Conservatório, além de redator e vogal do *Conselho de Arte Dramática*, publica **“Declamação: Recitação em verso”**, um excerto do seu livro *Arte de dizer* (então no prelo), o qual seria **“adoptado oficialmente no ensino dos Conservatórios de Lisboa e S. Paulo (Brasil) e em muitas escolas oficiais e particulares”**⁷ (n.º 6, pp. 8-11).

Parece-nos intencional, no sentido de mostrar a importância académica da instituição, a publicação da lista de **“Alunos matriculados no Conservatorio Real de Lisboa, no anno lectivo de 1901 a 1902”**. Na lista, distribuem-se por dezasseis disciplinas o número de alunos matriculados, somando o total de **510**, número que julgamos elevado e **revelador da escolha da educação artística** ministrada neste Conservatório (n.º 1, p. 15).

⁷ V. “MONIZ (José António)” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 17, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 633.

OUTROS CONTEÚDOS SOBRE TEATRO E MÚSICA

Referimos o texto “**A Farandula**” pelo escritor **João da Camara** (1852-1908), redator, Diretor de Secção e vogal do *Conselho de Arte Dramática*. O autor conta a história de um grupo de nómadas, constituídos em **companhia teatral e anunciados como ciganos** pelas crianças das aldeias onde chegavam. João da Camara termina, retratando com palavras a realidade: “Chegam arrasados. É preciso armar o palco. Todos são carpinteiros, pintores, architectos ... Tudo é prompto, e o director anuncia pomposamente: **É o Amadis de Gaula de Gil Vicente!... O Rei Seleuco de Luis de Camões!** E a pobre farandula [bando de maltrapilhos], cheia de fome, assim **vae de terra em terra, a dar perolas por uma bucha de pão!**” (n.º 1, pp. 5-6).

O “**Theatro na aldeia**” segundo **Alberto Pimentel** (novamente colaborador), “**está atrasado quatro seculos**”, no norte do país. O autor descreve o “theatro rustico de Portugal” a apenas “24 kilometros da cidade do Porto”; conta que “nas aldeias de Burgães e Friães há *troupes* de **amadores dramáticos que representam composições bíblicas**, de preferência os autos do Natal, geralmente chamados **Reisadas**”, e que “o *libretto* dessas composições é denominado *casco*”; reproduz a **pauta musical “Entrada dos Reis Magos”** assinada por D.C. (?). O autor finaliza com a incontestável crítica histórica: “**Um casco passa de terra para terra, e de geração em geração, cada vez mais danificado pelos erros de cópia**” (n.º 5, pp. 9-14).

O ator **Augusto de Mello** (1853-1933), depois ensaiador, diretor de cena, escritor e professor da arte de representar (prática) no Conservatório, colabora na revista com **dois textos**. No primeiro, com a *crónica* histórica “**Artistas e empresarios**”, o autor diz que estes dois tipos de profissionais auferiam de remunerações elevadas nesse “pitoresco e interessante theatro do tempo do Marquês de Pombal”; menciona ainda salários de vários artistas dramáticos, baseado na **Instituição estabelecida para subsistema dos teatros públicos da capital** (Teatro da Rua dos Condes e Teatro do Salitre) organizada pelo Marquês de Pombal, e em “**folhas da despesa do mês de Novembro de 1773**”, da administração do “**Theatro publico da côrte, na Rua dos Condes**” (n.º 4, pp. 5-7). No outro, “**Cousas de teatro**”, mais pedagógico, o autor descreve pormenorizadamente a preparação de um artista dramático até representar, em frente ao público (n.º 5, pp. 5-9).

Júlio Neuparth escreve “**A propósito da projectada sociedade de concertos do Conservatório**”, sobre uma proposta sua, apresentada em “reunião do Conselho de Arte Musical”. Relevamos a importância de um **subsídio** que permitiu a realização de dois concertos “**cedido pela Camara Municipal** (concertos Rudorff, 1887 e Arthur Steck, 1888) e por último, com a supressão d’esse subsidio, a abstenção dos concertos e o estado de apatia em que nos conservamos ha quatorze anos”. No fundo, o autor chama a atenção para a inexistência de uma orquestra do Conservatório (n.º 5, pp. 3-5).

CONTEXTO HISTÓRICO

No período de vida desta revista, o conselheiro Ernesto Hintze Ribeiro (1849-1907) era o Presidente do Conselho de Ministros, no reinado de D. Carlos e D. Amélia. Existia, então, um rotativismo político entre os chefes dos Partidos Regenerador (Ernesto Hintze Ribeiro) e Progressista (José Luciano de Castro) na Monarquia Constitucional vigente.

Ao longo da consulta da revista, constatámos que a maioria dos **redatores da publicação também são seus colaboradores**, além de acumularem a função de vogais dos conselhos de *Arte Dramática* ou de *Arte Musical*, cujos ordenados eram pagos pelo Governo. Apesar do *Conservatório* se encontrar sob proteção real, julgamos que a publicação da sua revista dependia da vontade política e, provavelmente da dotação de um subsídio estatal.

Qual foi a causa principal do fim abrupto da *Revista do Conservatório Real de Lisboa*, em Outubro de 1902? Não sabemos.

Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 7 de novembro de 2014

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Schalbach, Eduardo - In *À Lareira do Passado: Memórias*. Lisboa: Edição do Autor, 1944.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

O António Maria (1846-1905). *Anno VII*, n.º 1 (3-I-1885), p. [1]. Lisboa: Typ. A Editora. Ou:
http://hemerotecadigital.cm-isboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1885/1885_item1/index.html

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (Dir.) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

MEDINA, João (Dir.) – *História de Portugal*. Lisboa-Barcelona: EDICLUBE, 1998.